

LEITURA LITERÁRIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Cleiton Santos Bassete

(UNEB - Graduação)

Mariana Ferreira Santana

(UNEB - Graduação)

Magno Santos Batista

(UFBA - Doutorado)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Cleiton Santos Bassete é graduando do curso de Letras na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVIII. E-mail: cleitonbassete@gmail.com

Mariana Ferreira Santana é graduando do curso de Letras na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVIII. E-mail: marianaferreirasantana84@gmail.com

Magno Santos Batista é Doutor em Língua e Cultura, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia. É mestre em Letras - Linguagens e Representações, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: magnosantos01@yahoo.com.br

RESUMO

A leitura literária desempenha papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem como ferramenta pedagógica de uma educação antirracista, pois permite que os estudantes explorem diferentes gêneros literários, isto é, contos, crônicas, romances e narrativas acerca das temáticas raciais. É salutar que os educadores possibilitem aos alunos (as) discussões sobre as matérias raciais que emergem das obras literárias e promovam um diálogo crítico na formação dos discentes. Diante disso, questiona-se a necessidade de espaços de discussão racial no processo de ensino-aprendizagem pela promoção da leitura ou releituras das obras literárias que despertem na comunidade escolar a reflexão, as dificuldades, as conquistas e batalhas enfrentadas pelos negros no Brasil e no Mundo. O trabalho tem como objetivo apresentar as atividades desenvolvidas

ABSTRACT

Literary reading plays a fundamental role in the teaching-learning process as a pedagogical tool for an anti-racist education, as it allows students to explore different literary genres, that is, short stories, chronicles, novels and narratives about racial themes. It is salutary that educators allow students to discuss racial matters that emerge from literary works and promote a critical dialogue in the formation of students. In view of this, the need for racial discussion spaces in the teaching-learning process is questioned by promoting the reading or re-reading of literary works that awaken in the school community the reflection, the difficulties, the achievements and battles faced by blacks in Brazil and in the World. The objective of this work is to present the activities developed at Jairo Alves Pereira College, located in the municipality of Eunápolis-BA, having as a



<p>no Colégio Jairo Alves Pereira, localizado no município de Eunápolis-BA, tendo como premissa o projeto de intervenção intitulado “O Universo da Leitura: perspectivas artísticas e literárias. Dentre as atividades desenvolvidas, realizamos a releitura da obra de Chico Buarque “Chapeuzinho Amarelo” no formato de encenação teatral. Para tanto, selecionamos os autores (as) para fundamentar o artigo: Munanga (2005), Rildo Cosson (2014), Van Dijk (2021), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Portanto, as obras literárias são importantes instrumentos de discussões raciais e antirracistas, porque contribuem para o desenvolvimento de práticas pedagógicas sociais efetivas que busquem contraditar o racismo. Por fim, os resultados apontam para o constructo da conscientização racial nas escolas, a importância do trabalho de obras literárias que contextualizam a temática antirracista e utilizadas como ferramentas de luta social nos processos pedagógicos de ensino.</p>	<p>premise the intervention project entitled “The Universe of Reading: artistic and literary perspectives. Among the activities carried out, we carried out a re-reading of Chico Buarque's work “Chapeuzinho Amarelo” in the form of theatrical staging. Therefore, we selected the authors to base the article: Munanga (2005), Rildo Cosson (2014), Van Dijk (2021), National Curricular Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations and Laws 10.639/2003 and 11.645/ 2008. Therefore, literary works are important instruments for racial and anti-racist discussions, as they contribute to the development of effective social pedagogical practices that seek to contradict racism. Finally, the results point to the construct of racial awareness in schools, the importance of the work of literary works that contextualize the anti-racist theme and used as tools of social struggle in the pedagogical processes of teaching.</p>
---	---

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Literatura; Racismo; Prática Pedagógica	Literature; Racism; Pedagogical Practice

INTRODUÇÃO

O processo pedagógico antirracista instaurou-se no país através da Lei 10.639/03, visando incluir no currículo educacional, de forma obrigatória, as disciplinas que destacam à cultura e história da população negra e suas africanidades. A implantação da Lei busca resgatar anos de exclusão social e preconceitos sofridos pela população negra, além de garantir, através da Constituição Federal, o direito ao acesso a todos os níveis educacionais de ensino que, por anos, foi negado à população negra, ou seja, aos afrodescendentes.

Nesse processo educacional de ensino, a leitura literária apresenta-se como importante pilar para a formação de uma educação antirracista. Através dela, experimentamos diversificadas formas de mundo, na inserção do sujeito, pela compreensão da realidade apreendida pelo indivíduo. E, é, também por meio dela, que o processo educacional antirracista se constrói (PAULINO et al., 2004).

As práticas pedagógicas postuladas por Rildo Cosson (2014), por exemplo: histórias desventuradas, laços de palavras, dominó narrativo, dentre outras, podem/devem ser utilizadas para a inserção de autores negros e literaturas africanas no espaço escolar. Na oficina laços de palavras, por exemplo, o professor escolhe palavras que contenham a

mesma terminação, após isso, as entregue aos alunos. É pedido que os alunos façam frases, e que a palavra entregue fique ao final de cada frase. Faz-se então um círculo e os alunos são orientados a criar poemas a partir das frases geradas (COSSON, 2014). A partir dessas estratégias metodológicas, os professores (as) apresentam a origem, história, cultura e formação da população negra, bem como, as desigualdades, as injustiças e os autores (as) que surgem/surgiram na literatura.

Nessa direção, embora Chico Buarque, não seja um autor negro, sua contribuição para a discussão sobre a diversidade cultural e étnica no Brasil reside no fato de que o autor frequentemente aborda questões relacionadas à identidade, desigualdade e história do país em suas músicas e textos literários. Os textos do cantor, interprete e escritor constituem materiais passíveis de análises, uma vez que a partir da linguagem, o autor expõe críticas e representam realidades. Além disso, o Chico Buarque lutou contra a ditadura militar e procura em seus textos questionar as desigualdades econômicas, sociais e raciais.

Nesse sentido, percebemos a necessidade de desconstruir os estereótipos nos contos de fadas, ou seja, realizamos a releitura da obra de Chico Buarque "*Chapeuzinho Amarelo*". Nesta, utilizamos a temática *violência racial contra pessoas negras*, parte escolhida para reflexão, e como as obras literárias podem fornecer importantes ferramentas metodológicas de ensino para discutir essa problemática. A princípio, a atividade foi trabalhada no colégio Municipal Jairo Alves Pereira, para turmas de ensino médio, mediante uma programação realizada pelos graduandos em Letras da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XVIII, como proposta da disciplina Prática Pedagógica II.

Portanto, vale a ressalva, que os professores (as) possibilitem aos discentes, discussões acerca dos problemas sociais, econômicos e históricos que circundam a população negra no Brasil. Para tanto, objetiva-se apresentar a experiência da releitura da obra no local supracitado. Do ponto de vista teórico-metodológico, selecionamos os autores (as) para fundamentar o artigo: Munanga (2005), Rildo Cosson (2014), Van Dijk (2021), e os documentos oficiais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Por fim, obras literárias são/podem ser importantes instrumentos de discussões raciais e antirracistas, pois contribuem para o desenvolvimento de práticas pedagógicas sociais efetivas que busquem contraditar o racismo.

No entanto, a eficácia dessas obras, depende da forma como são abordadas e contextualizadas. As obras literárias podem contradizer o racismo ao desafiar narrativas que evidenciam o machismo, a xenofobia, o preconceito racial, promovendo a empatia e destacando as lutas e a resiliência das comunidades racializadas. É importante reconhecer que algumas obras literárias são racistas ou perpetuam estereótipos racistas, como na obra

“A Menina do Narizinho Arrebitado” de Monteiro Lobato, em que a personagem *Tia Nastácia* é descrita como uma *negra de estimação*.

A literatura também contribui para a fomentação da luta antirracista e a sala de aula constitui o espaço necessário/urgente para a formação crítica do leitor e indivíduo na sociedade. Por isso, o trabalho destina-se à discutir às seguintes temáticas: racismo, práticas pedagógicas de ensino e leitura/releitura literária e quais impactos surtem na sociedade atual. Para tal, dividimos o texto nas seguintes seções: discussões teóricas sobre a educação antirracista, nesta, discorremos acerca do racismo e sua relação com as práticas pedagógicas de ensino antirracista; metodologia do projeto de intervenção: o universo da leitura literária, onde pontuamos a realização da atividade na escola, bem como o desenvolvimento metodológico; análise e discussão da literatura no ensino antirracista, destacando a importância da leitura literária na formação crítica e reflexiva; e considerações finais.

1 DISCUSSÕES TEÓRICAS SOBRE A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

As nuances que envolvem as práticas pedagógicas antirracistas derivam de um emaranhado de acontecimentos históricos que reforçam as lutas sociais de igualdade e direito da população negra pelo reconhecimento de sua cultura, identidade, origem e, sobretudo, sua humanidade. Para Brandão (2004) sob a perspectiva histórica, os conceitos de raça, racismo, identidade e etnia, foram ideologicamente manipulados, pois, durante o período colonial, especialmente nas Américas, os europeus frequentemente usaram a noção de superioridade racial para justificar a exploração, a subjugação e a escravidão de povos africanos e indígenas. A raça foi usada como critério para categorizar grupos étnicos como inferiores, o que serviu de justificativa para a colonização, a apropriação de terras e a exploração desenfreada.

No século XIX e XX, os pressupostos teóricos-metodológicos da ciência cartesiana a partir do positivismo contribuíram para a construção de um pensamento racista e misógino, especialmente nas ciências naturais. Dentre os princípios adotados pelos especialistas da área, destaca-se a classificação dos seres, isto é, plantas, animais e organismos. Esses princípios cooperaram também para categorização de pessoas e classes, ou seja, superioridade branca em relação à negra, burguesia e proletariado. Além do mais, o conceito de raça, então, foi utilizado como pseudociência por grupos ideológicos, para ditar o controle da *raça branca*, superior, em relação a *raça negra*, inferior. Gradativamente, essa ideologia racial (raciologia), usada como instrumento de dominação e doutrinação, precisamente no século XIX e XX, serviu como justificativa à superioridade do homem

branco, e foi utilizada, justamente, por movimentos nacionalistas, como o nazismo, para legitimar a escravidão, o racismo e o preconceito (BRANDÃO, 2004).

No Brasil, a estratégia contínua adotada pelo colonialismo português, consistentemente empregou métodos altamente elaborados para encobrir a sua inerente brutalidade e crueldade. Entre as artimanhas utilizadas para esse propósito, incluíam-se a prática da falsidade e da dissimulação. Ao longo de um extenso período de tempo, surpreendentemente, esse sistema escravocrata severo e desonroso conquistou uma reputação, especialmente no exterior, como sendo uma instituição benevolente com conotação humanitária (NASCIMENTO, 2016).

Conforme destaca Silva (2003), a inserção de práticas pedagógicas antirracistas implica, não somente, na inclusão da população negra a escolas e universidades, mas também o reconhecimento de sua cultura, identidade, origem, humanidade, seu “modo de ser, de viver, e de organizar suas lutas”, próprias do povo negro. Tais práticas de ensino sugerem e permitem a discussão histórica, social e econômica do *homem negro*, em sua totalidade, evidenciando todos os tipos de preconceitos e estereótipos raciais existentes na sociedade.

O processo educacional de ensino, sobretudo antirracista, permite a quebra de paradigmas e preconceitos, pois se manifesta como instrumento de transformação social que reconhece a identidade étnico-racial de um povo e preserva sua integridade física e moral, embasado no processo democrático de direito de preservação das características únicas de determinado grupo ou minoria. Nesse sentido, “a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade” (BRASIL, 2004).

Além disso, Brandão (2004), defende que a educação antirracista se faz necessária, pois objetiva desconstruir todo estereótipo racial histórico atribuído à população negra, durante anos de exclusão social. Essa desconstrução pretende resgatar a cidadania pertencente à população negra, bem como *reumanizar* sua essência como povo, uma vez que o processo de construção das sociedades excluiu a população negra de sua formação.

Por exemplo, os negros enfrentam dificuldades em acessar empregos de qualidade devido à discriminação, o que, por sua vez, resulta na falta de recursos financeiros. A falta de recursos impede a obtenção de educação e treinamento adequados, agravando ainda mais a exclusão social. Assim, os afro-brasileiros ficam presos em um ciclo vicioso no qual a raça desempenha um papel fundamental na determinação de sua posição social e econômica na sociedade brasileira. Como tal, dizer que essa divisão é *não racial* ou *meramente de natureza social e econômica* é vista como uma justificação que oculta a existência do racismo e mantém a perpetuação da exclusão social (NASCIMENTO, 2016).

Ao desconstruir o processo de educação racista, implantado pelos movimentos de legitimação racial, atribuindo ao *homem branco* a superioridade, pela inferiorização do *ser*

negro, constrói-se também, hoje, o processo de educação antirracista, não só como direito existente na Constituição Brasileira, mas, sobretudo, de reparação histórica e reconstrução da humanidade da população negra (BRANDÃO, 2004).

No Brasil, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana contribuíram para o processo pedagógico de ensino antirracista. Os DCN buscam alterar a realidade histórica desigual e racista, enfrentada pela população negra, bem como resgatar e conduzir a criação de uma nova sociedade, que ressignifiquem séculos de preconceito e exclusão social pela preservação dos povos étnico-raciais em um estado democrático de direito.

Além disso, os DCN, no processo de educação antirracista, firmam-se em políticas públicas de reparação histórica, de ações afirmativas, de igualdade e de direito, assumindo a origem da população negra e afrodescendentes, pela construção de sua identidade étnico-racial. Objetivam com isso, também, possibilitar a liberdade de expressão dos povos africanos em toda manifestação artística, religiosa, individual e coletiva.

As Políticas de Ações Afirmativas, como ferramenta educacional antirracista, conforme o Art. 205, da Constituição Brasileira, garantem que é dever do Estado propagar, por meio da educação, o desenvolvimento do indivíduo, *enquanto pessoa, cidadão ou profissional*, respeitando sua identidade cultural e igualando o direito da população a espaços de ensino como escolas e universidades, indo contra o sistema desigual e meritocrático de direito, que outrora sempre privilegiou o *homem branco* em detrimento do *homem negro* (BRASIL, 2004).

A lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, institui e reforça as diretrizes da educação brasileira, pela inclusão de disciplinas curriculares sobre *cultura e história da população negra*, decretando sua obrigatoriedade a todos os níveis educacionais de ensino (BRASIL, 2008). Esta medida está amparada no direito fundamental humano à educação, cabendo ao Estado prover todos os mecanismos possíveis no combate à desigualdade social e racial na efetivação da lei. Ademais, a garantia da educação antirracista, promove a promoção, proteção e integridade da população negra.

Construir a educação antirracista *exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história*, por outro lado, a desconstrução dos estereótipos raciais, exige do Estado empenho contínuo para subverter décadas de desigualdade social e racial, garantindo ao estudante negro acesso a diversos níveis educacionais, sem sofrer qualquer tipo de discriminação racial, física, cultural, religiosa, regional, linguística e, sobretudo, a violação de sua humanidade (BRASIL, 2004).

Para Silva (2003), a construção da educação antirracista envolve incluir nos currículos escolares e disciplinas que discutam sobre as *africanidades brasileiras*, sua história,

cultura e religião, abordando todos os aspectos que originaram a formação do nosso país, destacando, a importância da população negra nesse processo.

No contexto da educação antirracista, a perspectiva de Silva (2003), destaca a necessidade de uma abordagem que envolva a inclusão de disciplinas nos currículos escolares que explorem as *africanidades brasileiras*. Isso implica abordar diversos aspectos, como a história, cultura e religião afro-brasileira, a fim de compreender de forma mais abrangente os elementos que desempenharam um papel fundamental na formação e desenvolvimento do Brasil como nação. O cerne desta abordagem é enfatizar a importância da população negra nesse processo histórico, reconhecendo suas contribuições significativas para a construção da identidade e da cultura brasileira.

A autora ainda afirma que a proposta educacional antirracista sugere o respeito às expressões e manifestações culturais de afrodescendentes, sua origem e formação; a compreensão aos diferentes modos de ser, viver e pensar; as discussões acerca das relações étnicas e racial existente no país; e desconstruir, para construir um novo método de educação justo e igualitário (SILVA, 2003).

O processo de aprendizagem está estritamente ligado à reorganização educacional do país, as mudanças nesse sistema proporcionam a oportunidade de abranger uma ampla gama de áreas de conhecimento. Isso não se limita apenas às disciplinas relacionadas aos grupos étnico-raciais e minorias, mas também abarca todas as outras áreas de estudo. Essa abordagem holística reconhece que a educação não é um campo estático, mas sim um espaço em constante evolução, onde escolhas e perspectivas diversas desempenham um papel essencial. Entretanto, a inclusão de diversas áreas de conhecimento não apenas reflete a diversidade de interesses e necessidades, mas também pode criar conflitos, já que diferentes grupos e indivíduos podem ter visões diferentes sobre o que deve ser priorizado no currículo educacional.

Além disso, a Lei 11.645/2008, com o objetivo de estabelecer o ensino obrigatório das *africanidades brasileiras* no ensino médio, não prevê sua obrigatoriedade no ensino superior, destacando a dificuldade enfrentada em implementar o ensino antirracista (BRASIL, 2008). Ainda aponta sua necessidade no currículo escolar para promover a educação e combater, com todas as armas, a desigualdade social a certos grupos étnico-raciais e minorias no país.

A formação curricular, representada pelas africanidades, destaca o papel da educação na valorização e respeito aos grupos étnico-raciais, sobretudo negros, na incorporação de práticas pedagógicas que busquem proporcionar uma educação antirracista, permitindo ao *homem negro*, seu espaço de direito, a todos os níveis educacionais de ensino com a quebra de preconceitos e paradigmas, além de propiciar um futuro igualitário incluindo a educação em seu papel primordial, o da transformação.

Além da Lei, a Base Nacional Curricular Comum - BNCC, documento que orienta o ensino no Brasil, destaca a importância do texto literário para a formação do indivíduo. Nesta, encontramos de modo enfático, como a literatura amplia nossa sapiência de mundo, mediante um arranjo específico de palavras, “ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir”. Diante disso, a literatura nos permite enxergar o mundo com outros olhos, para além do que é perceptível, aguçando nosso olhar holístico, para mais do que observamos (BRASIL, 2018).

Pereira (2022), destaca que, durante muitos anos, a população negra foi excluída da sociedade, sendo esse um dos fatores que contribuíram para que muitos dos trabalhos literários de autores negros produzidos nesses períodos fossem apagados da história. No entanto, autores negros como Machado de Assis e Lima Barreto tiveram importantes visibilidades na formação do ensino antirracista, sobretudo na literatura, destaque para a crônica “Abolição e Liberdade” e o conto “O Homem Que Sabia Javanês”. Os autores denunciavam através da literatura, temáticas significantes como: racismo, preconceito, desigualdade social, violência, ou seja, utilizavam da literatura para fazer denúncias sociais existentes naquele período (PEREIRA, 2022).

Portanto, para a criação do ensino antirracista consideramos importante incluir a presença de autores negros, como: Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Cruz e Sousa, Conceição Evaristo, Luís Gama, Joel Rufino, Ruth Guimarães, Elizandra Souza, entre outros. Trabalhar a literatura na perspectiva de autores que discutam temáticas acerca da desigualdade, negritude e problemas de ordem social, propicia o cenário válido para a inserção de práticas pedagógicas de ensino antirracista. Além disso, utilizar estratégias, a saber: clube de leituras, rodas de conversas, debates, enfim, momentos que contribuem para a formação crítica e reflexiva do discente, possibilitam que a Literatura se constitua como uma importante ferramenta para a transformação social e identitária da sociedade brasileira.

2 METODOLOGIA DO PROJETO DE INTERVENÇÃO: O UNIVERSO DA LEITURA LITERÁRIA

O trabalho baseou-se no Projeto de Intervenção intitulado “O Universo da Leitura: perspectivas artísticas e literárias”. A Proposta fez parte da disciplina Prática Pedagógica II, tendo como situação-problema *identificar a necessidade de acesso da comunidade Eunapolitana a espaços de leitura e letramento*, contendo no objetivo geral: discutir a leitura e o letramento em seus diversos aspectos sociais e literários, e com os seguintes objetivos específicos: apresentar diferentes possibilidades de leitura através dos cordéis, poemas, crônicas e contação de histórias, a fim de estimular a leitura e o letramento literário;

despertar o senso crítico em relação às diversas perspectivas de leituras artísticas e literárias e proporcionar à comunidade Eunapolitana espaços de leitura e letramento.

A escolha do tema justificou-se pela ausência e diminuição de bibliotecas públicas e livrarias no município. A partir dessa problemática, percebeu-se que a sociedade Eunapolitana está lidando com as práticas de leitura de forma autônoma, nesse caso, exigindo uma espécie de intervenção para propiciar espaços de leitura e letramento no município.

A proposta inicial destinava-se a apresentar o projeto de intervenção na praça da cidade, contendo em seu cronograma as seguintes oficinas: varal de poema, contação de histórias e publicação de textos literários produzidos pelos discentes do Campus XVIII. No entanto, por questões de logística e não autorização da prefeitura da cidade, mudamos a proposta para a escola. A alteração de espaço, exigiu também o deslocamento das atividades, dentre elas: a releitura da narrativa de *Chapeuzinho Amarelo*. Essa modificação permitiu-nos verificar na escola citada abaixo as demandas temáticas, e na consulta, percebemos a necessidade de trabalhar a violência contra negros e a instituição de uma educação antirracista. Assim, do ponto de vista metodológico, as atividades foram desenvolvidas na seguinte ordem.

Primeiro, “oficina de contos literários”, nela, os alunos observaram mediante uma encenação teatral como o racismo ocorre na sociedade. Destacou-se o alto número de pessoas negras mortas por armas de fogo no Brasil. A encenação foi readaptada da obra de Chico Buarque – *Chapeuzinho Amarelo*.

Segundo “oficina de construção de poemas literários”, durante essa atividade os alunos aprenderam a construir poemas dos mais vários tipos, ex.: elegia, écloga, ode, epitalâmio, sátira, madrigal, entre outros, ficando a escolha de cada um, o gênero escolhido. Terceiro, “oficina de exposição de poemas literários”, após a construção dos poemas, na terceira oficina, os poemas construídos foram expostos. Cada aluno teve a oportunidade de apresentar seu poema literário no varal, onde, após, os alunos analisavam todos os poemas produzidos em conjunto na atividade realizada.

3 ANÁLISE E DISCUSSÕES SOBRE A LITERATURA NO ENSINO ANTIRRACISTA

A leitura apresenta-se como vultuoso instrumento de transformação social. Através da leitura experimentamos diversificadas formas de mundo, na inserção do ser, para apreender uma realidade fictícia ou real, durante o processo de construção do sujeito, o leitor. Diante disso, Paulino et al. (2004) acrescentam que a leitura só se torna literária

quando ocorre uma atividade cultural de natureza artística, proporcionando uma interação prazerosa com o texto lido.

Na direção da formação literária e leitores críticos, Rildo Cosson (2014) acrescenta que um dos caminhos possíveis para a formação é o letramento literário, que segundo o autor constitui-se como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”, o indivíduo ao apreender a realidade dos textos literários, a toma para si, e, através do uso contínuo, assegura seu efetivo domínio. Entende-se, então, o papel da leitura literária como importante ferramenta de ensino, na construção social e crítica do leitor na sociedade.

Diante disso, foi realizada a releitura da obra de Chico Buarque “*Chapeuzinho Amarelo*”, para demonstrar a realidade desigual que o racismo provoca na sociedade. A palavra *releitura* é definida pelo Dicionário Online de Português – DICIO, como uma “composição ou criação de alguma coisa a partir de outra existente”. A releitura de uma história contada por autores diversos, além de acrescentar informações no que concerne a diferenciá-la da obra original, introduz algo novo a partir das mudanças ocasionadas pelas escolhas de cada autor. Por exemplo, a releitura que apresentamos é uma segunda camada de reinterpretação do conto tradicional “*Chapeuzinho Vermelho*”, com uma abordagem original trazida por Chico Buarque em “*Chapeuzinho Amarelo*”.

Na releitura, modificamos as características físicas dos personagens, o cenário da cena e o tópico narrativo. Assim, constituiu-se a narrativa: *Chapeuzinho*, menina negra, vive os dilemas de uma sociedade desigual e racista, que durante séculos massacrou a população negra através da história. A releitura da obra apresenta cinco (5) personagens, sendo eles: *chapeuzinho amarelo* – menina negra que reside na periferia; *lobo mal* – policial militar; *vovozinha* – mulher negra e idosa, avó de *chapeuzinho*; *amiguinha* – companheira de *chapeuzinho*, também menina negra, e *vendedor* – homem negro e trabalhador.

O conteúdo foi motivado a partir de dados do Instituto Sou Da Paz que mostram que Negros representam 78% das pessoas mortas por armas de fogo no Brasil, sugerindo uma mudança nas políticas públicas do país e chamando atenção para o *racismo estrutural* existente. Além disso, na escola que apresentamos a atividade, há uma predominância de discentes negros e casos que envolvem a população.

O estereótipo racial que a personagem carrega, representa o preconceito relacionado a sua origem, cultura e religião, sendo a representação da imagem do negro no contemporâneo, da qual descreve Munanga (2005) “vítima maior do racismo existente nesse país”.

Durante o desenvolvimento da história a personagem carrega consigo o medo, pela vivência de uma sociedade racista e enfrenta, a cada dia, as dificuldades que *pessoas negras* carregam. Esse comportamento está relacionado à representação da personagem na obra

original, pelo reflexo da releitura do personagem no dilema étnico-racial que o sujeito enfrenta na contação de história.

A estratégia de releitura literária apresenta-se como prática pedagógica de ensino, conforme relata Scheffel (2020), na quebra de paradigmas, a fim de utilizar clássicos literários ou não, na construção de determinadas temáticas sociais, pela abordagem situacional crítica, impulsionando o sujeito leitor as diversas formas de aprendizagem, pela representação do contexto escolhido, nesse caso, o racismo.

Além disso, a releitura institui-se como ferramenta pedagógica que rompe com as práticas de ensino tradicionais, uma vez que há, na prática de ensino, a possibilidade de problematizar os conteúdos trabalhados na sala de aula, bem como rever a estrutura narrativa, desconstruir estereótipos e possibilitar a origem de novas metodologias. Além disso, transpõe as barreiras instaladas no cumprimento curricular das disciplinas, que não consideram a realidade apreendida pelo aluno (a) em todos os seus aspectos sociais (SCHEFFEL, 2020).

O dilema étnico-racial que a personagem enfrenta, foi destacado através da abordagem policial e os inúmeros casos de pessoas negras que são vítimas de armas de fogo. A personagem *Chapeuzinho* vive constantemente com medo, e, de forma trágica, tem sua vida ceifada pelo *Policial Lobo* durante a história. A temática teve como objetivo destacar as questões raciais existentes na sociedade e como a violência, ainda atualmente, é bastante persistente. O processo de releitura contribuiu para a desconstrução do discurso de desigualdade e racismo.

A apresentação da releitura da narrativa trouxe à tona o diálogo com os discentes (três turmas do ensino médio) sobre as questões raciais. Evidenciou-se a participação dos discentes nas discussões raciais, tomando como tema a violência policial sobre a população negra. Houve também a participação dos personagens, (os alunos do curso de Letras que interpretaram os personagens na releitura da obra durante a encenação), onde alguns relataram suas experiências. A apresentação dos dados sobre violência contra a população negra também foi destaque, levantando importantes interlocuções.

Além disso, salientou-se a importância das discussões étnico-raciais nas escolas e como elas podem influenciar positivamente a construção de uma educação livre de preconceitos e, sobretudo, antirracista. Além da compreensão da Literatura [...] “como uma produção cultural que representa as relações sociais e expressa identidades” (COSSON, 2021, p. 100).

Ademais, o diálogo e a roda de conversa contribuíram para ressaltar a importância da literatura negra na formação do sujeito e como ela pode contribuir para criação do ensino antirracista. A leitura de obras literárias de autores negros constitui-se como indicador, de que, o ensino antirracista, está conquistando espaço, pois ler obras literárias, na perspectiva

de autores negros, propicia o cenário válido para a construção desse ensino, uma vez que, os próprios sujeitos estão inseridos nesse processo educacional e a Literatura configura-se como um dos mecanismos de mudança:

A escravização e a dominação racista no Brasil foram combatidas pela população afro-brasileira desde o início, primeiro pelas pessoas escravizadas com microrresistências em suas vidas cotidianas, com revoltas e fugas para os seus quilombos, depois por abolicionistas negros e brancos, no século XIX, e, finalmente, nos séculos XX e XXI, pelo Movimento Negro, além de estudiosos negros e brancos, políticos e ativistas (VAN DIJK, 2021, p. 45).

Nas lutas, vitórias e derrotas, a Literatura representou a resistência e resiliência da população negra ao longo dos séculos, e sobretudo, no contemporâneo. Além do mais, necessita traduzir a luta da população negra, e a Literatura é um dos caminhos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estratégia didática específica contribui para formação do indivíduo como uma prática pedagógica de ensino. A proposta educacional antirracista visa ampliar o currículo escolar para além do método tradicional de ensino e instituir no espaço educacional a reflexão e problematização da temática racial. Assim, trabalhar a educação antirracista exige de toda sociedade empenho nas práticas pedagógicas, visando combater séculos de desigualdade social aos povos étnico-raciais, nesse caso, à população negra.

Um dos significados que compõem a literatura, é o da arte que traduz a identidade e a cultura de uma comunidade a partir da linguagem, ou seja, os sujeitos que estão imersos no universo literário enxergam diversos contextos, problemas sociais, e se encontram como indivíduos, protagonistas da sua própria história (COSSON, 2014). Nesse sentido, o uso das obras literárias, apresenta-se como ferramenta de construção de ensino antirracista e também representa a ruptura do método tradicional no que se refere ao ensino de Literatura, isto é, o ensino da Literatura a partir da perspectiva gramatical.

No ensino antirracista de Literatura, os dilemas étnico-raciais destacam as temáticas que circundam as discussões na sala de aula. O processo educacional antirracista visa modificar o currículo escolar, pela inserção das *africanidades brasileiras*, sua cultura e história (SILVA, 2003). Ademais, a releitura da obra literária, como "*Chapeuzinho Amarelo*", de Chico Buarque, trouxe-nos vultuosas reflexões sobre como a violência é persistente e como os povos minoritários são os principais afetados por essa problemática atualmente.

Pensar o currículo antirracista, nessa perspectiva, envolve a participação de todos os educadores na construção de um futuro igualitário e livre de preconceitos. E o uso da literatura constitui-se um importante expoente nesse processo, uma vez que, é possível,

através dela, denunciar preconceitos existentes na sociedade, e ao se apropriar dela, através do letramento literário, possibilitar a participação ativa dos sujeitos na luta contra o racismo.

Portanto, a escola é, então, um dos ambientes propícios a esse ensino, e os alunos (as) são os protagonistas nesse processo. Construir o ensino antirracista, conforme destaca Brandão (2004), envolve a desconstrução de ideologias de superioridade racial, o respeito a cultura e história da população negra e, sobretudo, a criação de um futuro livre de preconceitos.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. **78% das vítimas de armas de fogo são negras, diz estudo**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2021-11/78-das-vitimas-de-arma-de-fogo-sao-negras-diz-estudo>. Acesso em: 24/06/2023.

BRANDÃO, A. A. P. **Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira**. Niterói: EdUFF, 2004.

BRASIL. **Contribuições para Implementação da Lei 10.639/2003**. Ministério da Educação, 2008.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Ministério da Educação, 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Ministério da Educação, 2018.

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo** - 37ª Ed. (2015). Editora: José Olympio.

BUARQUE, Chico. **Manual do Professor: Chapeuzinho Amarelo**. Editora autêntica, 2018. Disponível em: <https://grupoautentica.com.br/download/pnld/anteriores/ano-2018/manual-chapeuzinho-amarelo.pdf>. Acesso em: 24/06/2023.

COSSON, R. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2 ed., 4ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2014.

DIJK, Teun Adrianus van. **Discurso antirracista no Brasil: da abolição às ações afirmativas**. Trad. Conceição Maria Alves de Araújo Guisadi. São Paulo: Contexto, 2021.

LOBATO, Monteiro. **A Menina Do Narizinho Arrebitado** - 1ª Ed. (2022). Editora: Serena.

MUNANGA, K. **Superando o Racismo na Escola**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Abdias Do. **O Genocídio Do Negro Brasileiro: Processo De Um Racismo Mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

PEREIRA, L. M. **A Inscrição de Autores Negros pela Literatura Afro-brasileira como tema em uma ação extensionista**. Revista Extensão, UFRB, ed. 21 v.01, jan. 2022.

PAULINO, G.; COSSON, R. (org.). **Leitura literária: a mediação escolar**. Belo Horizonte: FALE UFMG, 2004.

SILVA, P. B. G. **Africanidades Brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos**. 2003.

SCHEFFEL, M. C. **Cosson Rildo. Paradigmas do ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 2021. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Aletria, Belo Horizonte, v. 31, n. 4, p. 325-328.

Título em inglês

LITERARY READING AS A PEDAGOGIC RESOURCE IN THE TEACHING-
LEARNING PROCESS OF ANTI-RACIST EDUCATION